

A lateral sob uma perspectiva diacrônica

Laura Helena Hahn ¹

¹Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

laurahhahn@gmail.com

Resumo. *No português brasileiro, a lateral em posição final de sílaba é realizada de forma variável como [l] alveolar, [ʎ] velar ou [w] variante vocalizada. Conforme a literatura, essa variação ocorre tanto em razão de condicionantes extralingüísticos quanto lingüísticos. Entretanto, para compreender o funcionamento da língua hoje, é importante conhecer o seu passado, pois, como afirma Mattoso Câmara (1976), as mudanças lingüísticas apresentam uma diretriz: “há sempre um rumo definido que as vai encadeando, isto é, elas não se verificam ao acaso nem são desconexas; há um sentido, uma corrente nas mudanças”. Dessa forma, o presente trabalho apresenta um levantamento diacrônico do comportamento da lateral como fase inicial de um estudo que analisou o /l/ pós-vocálico sob a ótica da Teoria da Variação e da Teoria da Sílaba.*

Quando pensamos diacronicamente na língua portuguesa do Brasil, nos remetemos aos seguintes estágios: latim clássico, latim vulgar, português arcaico e português moderno. De acordo com o levantamento histórico realizado com base nos trabalhos de Mattoso Câmara (supracitado), Grandgent (1952), Teyssier (2004), Callou, Leite e Moraes (2002), entre outros, podemos observar que a vocalização é um fenômeno bastante antigo, que teve seu início no latim, em torno do século VI, e que se tornou uma regra praticamente categórica no português brasileiro.

Abstract. *In Brazilian Portuguese, a lateral in coda position may be pronounced as [l] alveolar, [ʎ] velar or as a [w] semivowel. According to the literature, this variation is conditioned by social and linguistic factors. However, to understand the functioning of the present day language, it is important to know its past, since linguistic changes show a defined course (Mattoso Câmara, 1976). Therefore, this work presents a diachronic analysis of the development of the lateral segment, as an initial part of a study that has analysed the postvocalic lateral through the point of view of Variation and Syllable Theories.*

When we think diachronically about Brazilian Portuguese, we refer to the following stages: Classical Latin, Vulgar Latin, Old Portuguese and Modern Portuguese. As stated by a historic survey based on the works of Mattoso Câmara (mentioned above), Grandgent (1952), Teyssier (2004), Callou, Leite and Moraes (2002), among others, we can see that vocalization is a very old phenomenon, which had its beginning in Latin, around the 6th century, and became a practically categoric rule in Brazilian Portuguese.

Palavras-chave: lateral pós-vocálica; variação lingüística; fonologia

1. Introdução

No português brasileiro, a lateral em posição final de sílaba é realizada de forma variável como [l] alveolar, [ɫ] velar ou [w] variante vocalizada. Conforme mostra a literatura, essa variação ocorre tanto em razão de condicionantes extralingüísticos quanto lingüísticos.

Sabemos, entretanto, que, para compreender o seu funcionamento da língua hoje, faz-se necessário conhecer seu passado. Por isso, realizamos neste trabalho um levantamento diacrônico do comportamento de *l*, que será apresentado a seguir dividido em dois grandes períodos, a saber, do latim clássico ao latim vulgar e do latim vulgar ao português.

2. Levantamento diacrônico do comportamento de /l/

2.1. Do latim clássico ao latim vulgar

Ao pensarmos diacronicamente na língua portuguesa do Brasil, pensamos nos seguintes estágios: *latim clássico*, língua usada nas obras dos escritores latinos, representantes da classe culta; *latim vulgar*, língua falada pelo povo, representa um estágio intermediário entre o latim clássico e o português arcaico; *português arcaico*, que representa a primeira fase do nosso idioma, situado historicamente entre os séculos XII e XVI; e *português moderno*, que se inicia no século XVI e chega aos nossos dias. Assim, focando exclusivamente o objeto de estudo deste trabalho, realizamos um estudo diacrônico do comportamento da lateral no português brasileiro.

Esta seção constitui-se de duas partes. A primeira parte apresenta o levantamento histórico realizado entre o latim clássico e o latim vulgar, e a segunda apresenta o estudo feito entre o latim vulgar o português.

Podemos dizer que o latim clássico e o latim vulgar constituem duas modalidades da mesma língua, embora uma seja extremamente diferente da outra. Coutinho (1968, p. 29-30) dá as seguintes definições para as modalidades literária e popular:

Diz-se *latim clássico* a língua escrita, cuja imagem está perfeitamente configurada nas obras dos escritores latinos. Caracteriza-se pelo apuro do vocabulário, pela correção gramatical, pela elegância do estilo, numa palavra, por aquilo que Cícero chamava, com propriedade, a *urbanitas*. Era uma língua artificial, rígida, imota. Por isso mesmo que não refletia a vida trepidante e mudável do povo, pôde permanecer, por tanto tempo, mais ou menos estável.

Chama-se *latim vulgar* o latim falado pelas classes inferiores da sociedade romana inicialmente e depois de todo o Império Romano. Nestas classes estava compreendida a imensa multidão das pessoas incultas que eram de todo indiferentes às criações do espírito, que não tinham preocupações artísticas ou literárias, que encaravam a vida pelo lado prático, objetivamente.

Alguns autores não concordam com tal definição de latim vulgar. Entretanto, por sabermos que não se trata de uma tarefa fácil estabelecer um conceito para este período da língua latina e por não ser objetivo deste trabalho realizar tal tarefa, acatamos a definição de Coutinho.

Passaremos, a seguir, a relacionar algumas mudanças que ocorreram com a lateral no latim vulgar.

Em Grandgent (1952) encontramos uma diferenciação do som de *l* quando inicial ou duplo (*lana*, *ille*) e do som de *l* diante de consoante (*albo*, *alga*). Este último é classificado como “*sonus pinguis*” (“som escuro”) e o primeiro de “*sonus exilis*” (“som claro”). No presente trabalho, é o *l* de “som escuro” que mais nos interessa.

O autor diz que, devido à elevação da parte posterior da língua, *ll* diante de consoante provavelmente teria um som “turvo” e que, em algumas regiões, essa pronúncia conduziu à *vocalização* de *l*, “esporadicamente en siglo IV, pero sin generalizarse hasta el VIII e IX por lo menos”¹ (GRANDGENT, 1952, p. 186). Isto é atestado, por exemplo, em *cauculus* (por *calculus*), encontrado em alguns manuscritos de 494 d.C.. Kolovrat (1923 *apud* CALLOU, LEITE e MORAES, 2002) apresenta a hipótese de *l*, diante de consoante ou em final de palavra, ser “duro”² em latim, o que poderia explicar a sua vocalização. Quanto ao início desse fenômeno, Callou, Leite e Moraes acreditam que tenha acontecido entre os séculos VI e VII de nossa era.

A fim de entendermos algumas das alterações que influenciaram na realização da lateral, consideramos interessante verificarmos a descrição que Grandgent (1952) faz de alguns dos fenômenos que ocorreram com as vogais na transição do latim clássico para o vulgar, principalmente por tais fenômenos terem gerado efeitos nas línguas românicas:

(...) el tratamiento de tal vocal [de la penúltima sílaba del vocablo] era, al parecer, muy inseguro en latín vulgar, y las condiciones diferían grandemente en las diversas regiones. Había probablemente un conflicto entre la pronunciación culta y la popular, conservándose en muchos casos los dos tipos en las lenguas romances; así, mientras el mundo oficial y literario decía (*h*)*ōmines* (> ital. *uomini*), las gentes incultas pronunciaban *'ōm'nes* (> prov. *omne*); de semejante manera, al lado de *sōcĕrum* había una forma *sōcŕum*.³ (GRANDGENT, 1952, p. 156-7)

Dessa forma, percebemos que *ll* deixa de ser intervocálico (“*sonus exilis*”) quando uma vogal que se encontrava entre uma líquida e outra consoante sofre apagamento (ou *síncope*) e passa a assumir uma posição pré-consonantal – posição final de sílaba – (“*sonus pinguis*”), como podemos observar nas ocorrências, citadas por

¹ “esporadicamente no século IV, generalizando-se o processo pelos séculos VIII ou IX”.

² Conforme Callou, Leite e Moraes (2002), *ll* “duro” é equivalente a *ll* velar.

³ “(...) o tratamento de tal vogal [da penúltima sílaba do vocábulo] era, ao que parece, muito instável no latim vulgar, e as condições eram muito diferentes nas diversas regiões. Havia, provavelmente, um conflito entre a pronúncia culta e a popular, conservando-se, em muitos casos, os dois tipos nas línguas romances; assim, enquanto o mundo oficial e literário dizia (*h*)*ōmines* (> ital. *uomini*), as pessoas incultas (*sic!*) pronunciavam *'ōm'nes* (> prov. *omne*); de maneira semelhante, ao lado de *sōcĕrum* havia a forma *sōcŕum*.”

Grandgent, encontradas em Plauto⁴ – *caldus* por *calīdus* –, em Horácio⁵ – *soldus* por *solīdus* –, entre outros.

Na primeira parte do período do latim vulgar, temos a formação de um encontro consonantal de consoante mais líquida, devido ao enfraquecimento e conseqüente perda da vogal que se encontrava entre elas (síncope), na penúltima sílaba de palavras proparoxítonas⁶, como nos exemplos *angŭlus* > *anglus*; *manipŭlus* > *maniplus*; *tabulam* > *tabla*. Grandgent supõe que nesses casos, de *l* seguindo uma consoante, a lateral também apresenta um som “turvo”.

Tal síncope ocorreu também com as terminações de diminutivo *-clus* (e.g. *saeclum*) e *-cŭlus* (e.g. *aurīcŭla*), que originalmente eram distintas e que mais tarde passaram a confundir-se. Assim, a terminação *-cŭlus* permaneceu restrita ao latim clássico, enquanto *-clus* passou a ser usada na fala vulgar⁷, desencadeando o grupo consonantal *-cl-*: *masc(ŭ)lus*, *oc(ŭ)lus*, *auric(ŭ)la*.

O travamento de sílaba final de palavra por // ocorreu no latim vulgar mais por volta do século VIII.

Las vocales finales, como em italiano moderno, debieron de elidirse o sincoparse frecuentemente en el interior de la frase, especialmente la *e* detrás de las líquidas (...) Así, quizás, *autumnal(e)*, *tribunal(e)*, etc.
El *App. Pr.* [Appendix Probi⁸] trae “*barbarus non barbar*”, “*figulus non figel*”, “*masculus non mascel*”. Estas curiosas formas no son probablemente el resultado de una evolución fonética, sino que más bien se deben a un cambio local de flexión, que no ha dejado trazas en las lenguas romances Cfr. el ant. lat. *facul* = *facilis*, *famul* = *famulus*.⁹ (GRANDGENT, 1952, p. 161)

Entretanto, temos alguns exemplos no português que nos fazem acreditar que houve, sim, em alguns casos, um reflexo nas línguas românicas dessa elisão ou síncope, como vemos em *fácil* (< *facīle(m)*) e *útil* (< *utīle(m)*).

Há, por fim, outro fenômeno ao qual o *l* foi sujeito: a *dissimilação*. Grandgent (1952, p. 187) nos traz alguns vocábulos oriundos do *Appendix Probi* que, segundo o

⁴ Comediógrafo latino que viveu de 255 a 184 a.C.

⁵ Poeta romano que viveu de 65 a 8 a.C.

⁶ Em algumas regiões, porém, sendo a consoante precedente uma palatal, a vogal manteve-se: *fragīlis*, *gracīlis* (GRANDGENT, 1952).

⁷ Embora seja possível encontrar vários registros escritos, como *oclus* em Petrônio (GRANDGENT, 1952).

⁸ Appendix Probi é um documento que traz uma relação de palavras do latim vulgar com a respectiva “correção” ao lado.

⁹ “As vogais finais, como no italiano moderno, passaram a sofrer, freqüentemente, elisão ou síncope no interior da frase, especialmente seguindo líquidas (...) Assim, talvez, *autumnal(e)*, *tribunal(e)*, etc.

O Appendix Probi traz “*barbarus non barbar*”, “*figulus non figel*”, “*masculus non mascel*”. Estas curiosas formas não são, provavelmente, o resultado de uma evolução fonética, e, sim, se devem a uma troca local de flexão, que não deixou traços nas línguas romances. Cfr. el ant. lat. *facul* = *facilis*, *famul* = *famulus*.

autor, se trata de exemplos isolados de dissimilação entre dois *l*: “*flagellum non fragellum, cultellum non cuntellum*”. Há também um exemplo retirado do *Corpus Inscriptionum Latinarum*¹⁰: “MVNTV por *multum*”.

Veremos na subseção a seguir a evolução de *l* do latim para o português.

2.2. Do latim vulgar ao português

Como sabemos, a língua portuguesa proveio do latim vulgar, e foi a partir do século XIII – aproximadamente – que os primeiros registros escritos no nosso idioma foram encontrados. Temos, então, o *português arcaico*, período que se estende até 1500. Do século XVI em diante, o período que temos é o *português moderno*.

Veremos, a seguir, a evolução de *l* do latim popular para o português. As alterações referentes ao português arcaico estão incluídas nas observações que seguem.

Mattoso Câmara (1976), ao tratar da evolução da estrutura silábica do latim para o português, afirma que sílabas não-finais travadas por *ll* são comuns na língua portuguesa. Segundo o autor, palavras com esse tipo de travamento são, em grande parte, empréstimos do latim literário, mas são, também, em grande parte, de um léxico muito antigo (e.g. *alto*). Ou seja, para Mattoso Câmara, *l* em posição pré-consonantal no português não reflete o apagamento sofrido pelas vogais no latim vulgar, conforme a afirmação de Grandgent (1952), vista na seção anterior; muito antes pelo contrário.

Entretanto, Mattoso Câmara, da mesma forma que Grandgent, refere o fenômeno de vocalização de *ll*, quando este se encontra diante de consoante. O autor diz que na evolução do consonantismo latino houve a passagem do *ll* de travamento, no interior de vocábulo, para uma semivogal¹¹, seguida sistematicamente por uma oclusiva, como mostram os seguintes exemplos:

(a) *ll* → [w] : *salto* > *sauto* > *souto*

(b) *ll* → [j] : *multum* > *muito*

Em (b), a semivogal estabelecida foi a anterior [j], a fim de contrastar com a vogal do núcleo silábico, segundo Mattoso Câmara. Em alguns casos em que o núcleo silábico possui uma vogal posterior, pode acontecer a omissão de *l* – *apagamento* – (CALLOU, LEITE e MORAES, 2002). Entretanto, o comum é encontrarmos a semivogal posterior [w], independentemente da vogal que a anteceda.

Como podemos perceber, a vocalização é um fenômeno bastante antigo, com registros ainda no latim e comprovado na evolução de outras línguas românicas, além do português, “em certos ambientes estruturalmente condicionados: *alteru* > outro, *altariu* > outeiro, *palpare* > poupar” (CALLOU, LEITE e MORAES, 2002, p. 538). Estes

¹⁰ *Corpus Inscriptionum Latinarum* é a reunião, em 16 volumes, de inscrições feitas em tábuas de diferentes materiais de fórmulas de encantamento ou de maldição.

¹¹ Mattoso Câmara chama as *semivogais* de *vogais altas assilábicas*.

autores nos trazem alguns exemplos de vocalização e algumas informações relevantes sobre o processo:

No francês, o processo ocorre com frequência no século XII, depois de todas as vogais, embora seja raro depois de *i* e *u* e independa do ponto de articulação da consoante subsequente. Kolovrat afirma (...) que, numa passagem de Barclay, gramático do século XVI, se pode ler: “Mais si c’est une consonne que suit immédiatement le *l*, on prononcera ce *l* comme un *u*, par exemple dans *loyalment*, principalement prononcés *loyaument*, *principalement*”¹². Também há exemplos em italiano, não anteriores ao século IX (*dolce* > *duse*), e em espanhol (*alteru* > *outro*, *alteru sic* > *otrosi*). O primeiro exemplo de vocalização do *l* diante de consoante, em território português, data de 775 – na palavra latina *salto* escrita *sauto*. Na língua portuguesa, a primeira ocorrência remonta ao século XIII, no *Auto da partilha*: “outros perdamentos”.

Além do fenômeno de *vocalização*, podemos perceber nessa transição do latim para as línguas românicas o fenômeno de *apagamento* de *l* pós-vocálico.

Grandgent afirma que a elevação da parte posterior da língua para a pronúncia de *l* pós-consonantal no latim passou, no espanhol e no italiano, para a parte anterior, produzindo a palatalização de *l*, como em *clavem* > *klave* > esp. *llave*; ital. *chiave*. (1952, p. 186).

O mesmo processo aconteceu no português. Mattoso Câmara (1976) explica que, quando do estudo da evolução das consoantes do latim para o português, grupos consonantais formados por fricativa labial ou oclusiva desvozeada seguida de /l/, em posição não-intervocálica, desenvolveram uma fricativa alveopalatal desvozeada – com a grafia *ch*. O autor cita os seguintes exemplos (1976, p. 53):

- (a) [pl] → [ʃ] : *planum* → chão
- (b) [kl] → [ʃ] : *clamare* → chamar
- (c) [fl] → [ʃ] : *afflare* → achar

Para Teyssier (2004), a fricativa palatal [ʃ] ocorre apenas no português moderno; no português arcaico, os grupos consonantais evoluíram para a africada desvozeada [tʃ]. O autor afirma que a partir do século XVII ocorre o desaparecimento de [tʃ], que perde seu elemento inicial e passa a constrictiva simples [ʃ] (2004, p. 65).

Mattoso Câmara esclarece, porém, que os grupos consonantais acima citados foram reintroduzidos na língua portuguesa com os empréstimos feitos do latim a partir do século XV, como nos exemplos *amplus* > *amplo*, *clarus* > *claro*, *flos* > *flor*. Vem ao encontro do esclarecimento do autor brasileiro a afirmação de Teyssier de que o

¹² “Mas se é uma consoante que segue imediatamente o *l*, pronunciamos este *l* como um *u*, por exemplo em *loyalment*, principalmente pronunciamos *loyaument*, *principalement*”.

português moderno possui um grande número de palavras eruditas nas quais os grupos iniciais *cl-*, *pl-*, e *fl-*, e também *bl-*, foram mantidos (e.g. *clima*, *pleno*, *flauta*, *bloco*).

Ainda quanto à evolução dos grupos iniciais *cl-*, *pl-*, e *fl-* para a palatal *ch*, Teyssier garante que tal inovação “diz respeito às palavras que constituem o fundo mais popular da língua” (2004, p. 16) e cita como exemplo de tais palavras *plicare* > *chegar*, *flagrare* > *cheirar*, além de *chão* e *chamar*, mencionados por Mattoso Câmara. Para o autor francês, na outra categoria de palavras, de cunho menos popular, esses grupos iniciais do latim evoluíram, no português, para *pr-*, *cr-*, e *fr-*, exatamente como o grupo consonantal *bl-* > *br-*:

- (a) *placere* → prazer
- (b) *clavu* → cravo
- (c) *flaccu* → fraco
- (d) *blandu* → brando

Observamos, assim, outro fenômeno ao qual a lateral está historicamente sujeita: o *rotacismo*.

Retomando a síncope que desencadeou, no latim vulgar, a formação do grupo consonantal intervocálico *-cl-* (*ocŭlum* > *oclus*), constatamos que, na evolução para o português, este *-cl-*, pronunciado [kl], passou por uma forma intermediária [-yl-] (*oclus* > **oylo*) e resultou na palatal [ʎ], escrita *lh*.¹³ (TEYSSIER, 2004), conforme o quadro abaixo ilustra:

<i>Latim clássico</i>	<i>Latim vulgar</i>	<i>Português</i>
<i>ocŭlum</i>	<i>oclus</i>	<i>olho</i>
<i>auricŭla</i>	<i>auricla</i>	<i>orelha</i>
<i>vetŭlum</i>	<i>veclu</i>	<i>velho</i>

A forma intermediária referida acima fez parte da evolução de todos os falares hispânicos, mas resultou em diferentes conseqüências em cada uma delas. No castelhano, por exemplo, [-yl-] passou à africada [dʒ], escrita *j* (e.g. *ocŭlum* > *oclus* > *ojo*) (TEYSSIER, 2004).

¹³ Teyssier assevera, também, que, a partir do século IX, “textos redigidos num latim extremamente incorreto (conhecido tradicionalmente como ‘latim bárbaro’)” atestam a forma *abelha* em *abelia* (< *apicula*), ou *coelho* em *conelium* (< *coniculum*) ou *ovelha* em *ovelia* (< *ovicula*).

Antes de finalizarmos esta seção, consideramos interessante citar a queda de *l* intervocálico, pois este fenômeno explica, no português moderno, a forma no plural de palavras terminadas em *-l* no singular (e.g. *sol* > *soes* > *sóis*). Teyssier (2004, p. 17) faz a seguinte declaração:

Este fenômeno [queda de *-l-* intervocálico], provável resultado de uma pronúncia velar do *l* intervocálico, ia ter conseqüências importantes. Ocorreu possivelmente em fins do século X, pois num documento em latim bárbaro de 995 lê-se *Fiiz* (< *Felice*) e *Fafia* (< *Fáfila*).

Inúmeras palavras, porém, de origem semi-erudita ou erudita (TEYSSIER, 2004) conservaram o *l* intervocálico e constituem o vocabulário do português moderno: *palácio* (ao lado de *paço*), *calor* (ao lado de *quente* < *calente*), etc.

3. Conclusões

Como afirma Mattoso Câmara (1976), as mudanças lingüísticas apresentam uma diretriz: “há sempre um rumo definido que as vai encadeando, isto é, elas não se verificam ao acaso nem são desconexas; há um sentido, uma corrente nas mudanças”. E é exatamente isso que podemos observar sobre a vocalização da lateral pós-vocálica com o levantamento histórico que fizemos, pois, como podemos perceber, este é um fenômeno bastante antigo, que teve seu início no latim, em torno do século VI (aproximadamente) e que se tornou uma regra praticamente categórica no português brasileiro.

4. Referências bibliográficas

- CALLOU, D.; LEITE, Y. & MORAES, J. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B & RODRIGUES, A. (orgs.) *Gramática do português falado. v. VIII: novos estudos descritivos*. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 2002.
- COUTINHO, I. L. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968.
- GRANDGENT, C. H. *Introducción al latin vulgar*. Madri: Fênix Artes Gráficas, 1952.
- MATEUS, M. H. M; D`ANDRADE, E. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- MATTOSO CÂMARA JR., J. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.